

## Resenha

por Vicente Gil da Silva\*

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; BECK, José Orestes; QUINSANI, Rafael Hansen (Orgs.).  
*A prova dos 9: a história contemporânea no cinema.*  
Porto Alegre: EST Edições & Letra e Vida Editora, 2009.

Mais uma vez, o público acadêmico e não-acadêmico tem a oportunidade de acessar um trabalho de qualidade sobre um tema cuja importância tem crescido ultimamente, as relações entre história e cinema. Os organizadores da obra escolheram como mote central um interessante recorte: analisar filmes que façam referências aos anos terminados em 9. Assim, são cotejados eventos marcantes da história, como a Revolução Francesa de 1789, a Revolução Alemã de 1919, a crise de 1929, a Segunda Guerra Mundial, iniciada em 1939, as revoluções chinesa, de 1949, a cubana, de 1959, e a sandinista de 1979, o auge da corrida espacial, em 1969, a queda do Muro de Berlim, em 1989. E para finalizar o livro, textos que abordam o final do século e as perspectivas de futuro: 1999, a partir do massacre de Columbine, nos Estados Unidos, e o ano de 2019, tal como projetado no filme *Blade Runner*.

A exemplo do que já haviam feito em obra anterior<sup>1</sup>, este livro é fruto de um projeto de extensão organizado pelo Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo sido realizado no primeiro semestre do ano de 2009 na sala de cinema da instituição. A cada filme exibido, seguia-se um debate, contando com a presença de professores de história, alguns ligados ao programa de pós-graduação da referida universidade, e de profissionais e estudantes de de outras áreas, como ciências sociais, psicologia e cinema. Cada um destes professores e estudantes contribuiu com a produção de textos cujo principal objetivo era aprofundar questões abordadas pelos filmes e relacioná-las ao contexto histórico neles dramatizado. Posteriormente, estes trabalhos foram reunidos e publicados, constando ao final, ainda, uma ficha técnica de cada um das películas exibidas e discutidas ao longo da publicação.

Um dos grandes méritos dos organizadores desta obra é a oportuna escolha de priorizar os conturbados anos terminados em 9 da história humana recente. Tudo começa em 1789, tendo a Revolução Francesa como pano de fundo para o

---

\* Licenciado e Mestre em História pela UFRGS. Professor de História Econômica e Teoria da História da UFAC. Email: vicentegils@gmail.com.

1 GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; PADRÓS, Enrique Serra. *68: história e cinema*. Porto Alegre: EST Edições, 2008.

filme de Ettore Scola, *Casanova e a Revolução*, como foi intitulado no Brasil.. César Guazzelli descreve a trajetória individual de cada um dos personagens (reais e fictícios) que aparecem no filme de Scola e destaca a adoração da roupa do rei como representativa do Antigo Regime contra o qual se estava lutando durante a Revolução.

Adentrando o século XX, o texto de Letícia Schneider Ferreira analisa o filme *Rosa Luxemburgo*, de Margarethe Von Trotta, a partir das relações entre gênero e cinema. Trata-se de uma interessante abordagem, uma vez que Von Trotta optou por mostrar uma Rosa que teria vivido um dilema entre ser uma “mulher normal” - casar, ter filhos e formar família – e ser uma revolucionária transgressora da ordem estabelecida. Letícia Ferreira argumenta que esta escolha da diretora acaba por reforçar alguns estereótipos do que seria o feminino. Sobre este mesmo filme, Marisângela Martins apresenta uma discussão sobre a chamada Revolução Spartakista, tema pouco discutido no filme mas fundamental para entender o processo histórico que marcou as opções políticas e o destino final da revolucionária polonesa.

Luciana Pazini Papi discute a crise de 1929 a partir de uma leitura crítica do filme *A luta pela esperança*, de Ron Howard. Segundo a autora, Howard acaba relativizando a crise ao apresentar acriticamente a possibilidade de que um indivíduo – a personagem central do filme – seja capaz de superar as adversidades provocadas pela crise. Com isso, Howard está, no fundo, sugerindo que a sombria realidade daquela época poderia ser superada por qualquer outro indivíduo, tal como fez o protagonista-herói da película. “O conteúdo crítico do filme”, ressalta a autora, “ refere-se, portanto, não ao sistema que engendra a crise, mas à suposta fragilidade do ser humano diante de seus efeitos, como se fosse possível inexistir essa fragilidade do ser individual frente a um sistema onipresente em suas determinações” (p. 50). Ao proceder assim, ainda conforme a autora, o diretor do filme opera “um deslocamento metodológico do objeto dramático do filme ao responsabilizar a fragilidade do ser humano e não o que seria o verdadeiro objeto de crítica: a imanência das crises do capitalismo” (p. 50). É a partir desta crítica que Luciana Papi discorre sobre as razões que levam o capitalismo a engendrar crises constantemente, a partir de sua leitura das obras de Karl Marx.

1939 é objeto de análise de Luiz Dario Teixeira Ribeiro e Gerson Wasen Fraga com base no filme *Amém*, de Costa-Gavras. A omissão católica diante do Holocausto, tema principal da película, é problematizada pelos autores de forma bastante esclarecedora, principalmente no que diz respeito às atitudes do Papa Pio XII, retratado por Costa-Gavras “praticamente como um autista” (p. 62), isolado de

quaisquer outras questões que não sejam aquelas ligadas às relações políticas do Vaticano. Para os autores, a imagem da tela não condiz com a da História. O silêncio do sumo pontífice pode ser explicado pela própria trajetória individual de Eugenio Pacelli, mais tarde Papa Pio XII. Ele foi o responsável por sistematizar um Código de Direito Canônico cujo objetivo era verticalizar a hierarquia da Igreja, regulando a vida de seus fiéis e outorgando ao Vaticano o poder de nomear bispos sem a interferência dos Estados e das comunidades católicas. Além disso, Pacelli foi o responsável por concretizar as chamadas concordatas com Estados europeus, entre eles a Sérvia, a Itália e a Alemanha. Ademais, Pacelli formou-se dentro de um ambiente sócio-cultural de uma Europa que via crescer o antissemitismo. Tais elementos são apresentados pelos autores para demonstrar que Eugenio Pacelli, longe de ser uma personalidade passiva ou de ter sido isolado do mundo por seus clérigos mais próximos, “sempre dera, ao longo de sua trajetória, demonstrações vivas de que não era alheio aos movimentos políticos que aconteciam em seu entorno” (p. 66). A lúcida análise destes autores ainda destaca a trajetória real de personagens do filme, cuja apresentação na película acaba por remeter, mesmo que involuntariamente, à importantes questões históricas. Exemplo disso é o engenheiro Kurt Gerstein, que tenta em vão denunciar o extermínio de judeus na câmara de gás, fato a partir do qual os autores argumentam sobre a impotência da ação individual isolada dentro de uma estrutura política e econômica como a nazista. Da mesma forma, Ribeiro e Fraga chamam a atenção para o fato de que textos de Gerstein, na vida real, foram utilizados para negar o Holocausto.

Em relação ao ano de 1949, *Balzac e a costureirinha chinesa* é o filme que serve de base para as análises de André Luiz Reis da Silva e Miguel dos Santos sobre a Revolução Chinesa. O primeiro autor analisa as transformações ocorridas durante e após a Revolução Cultural na China, destacando também as possibilidades de que a China, no contexto atual, seja a líder de um “entendimento asiático para uma inserção estratégica num mundo globalizado” (p. 85). Já Miguel dos Santos enfatiza o contexto da Revolução Cultural, relacionando-a com a abordagem apresentada pelo diretor e autor do filme. Um aspecto interessante de seu texto é a sua crítica ao fato de que Dan Sijie, diretor do filme e autor do livro que o inspirou, tenha mostrado na tela uma Revolução Cultural na qual praticamente inexistiu violência, mas que ainda assim expôs as contradições da sociedade chinesa, abordagem considerada contraditória pelo autor.

A Revolução Cubana de 1959 e sua caracterização no filme *Fidel*, de David Atwood, são analisados detidamente no texto de César Guazzelli e Charles Domingos. Os autores iniciam definindo o que é uma revolução, especialmente a a

partir da visão marxiana. Logo após, explicam os processos revolucionários ocorridos na América Latina durante o século XX para então chegar a uma análise detalhada da história cubana, iniciando-a no século XIX, passando pelo ano em que estoura a Revolução, e chegando até 2001, ano em que a película de Atwood termina sua biografia de Fidel Castro. Esta detalhada análise inclui constantes referências ao filme, e não deixa de realizar críticas à postura liberal de Atwood na condenação de algumas das ações do comandante da revolução na ilha caribenha.

Uma outra importante revolução latino-americana, a Sandinista, é tema do texto de Claudia Wasserman e Gerson Wasen Fraga, tendo como base o filme de Ken Loach, *Uma canção para Carla*. Os autores narram um século de história da Nicarágua, dando destaque às constantes intervenções dos Estados Unidos no país, temática apresentada na película de Loach. Nesse sentido, demonstram como foi implantada a lógica político-econômica que transformou o país em uma “república bananeira”, como foram articulados e efetivados o apoio à implantação de ditaduras, com destaque para a ditadura somozista, chegando ao final a uma análise do processo da revolução sandinista em si. Da mesma maneira que o texto sobre a revolução cubana, neste os autores também fazem constantes referências ao filme.

Há ainda um texto que versa sobre a corrida espacial, baseado no filme de Stanley Kubrick, *2001 – Uma odisséia no espaço*. Marcio Mendes Carvalho e Lucas Maximiliano Monteiro discorrem sobre as principais características da Guerra Fria, destacando a importância da corrida espacial na disputa política, econômica e ideológica entre Estados Unidos e União Soviética, entre outros fatores, aliado a uma extensa análise do filme do diretor estadunidense.

O processo de queda do Muro de Berlim e as transformações que se seguiram no mundo pós-1989 são objeto de análise de Rafael Hansen Quinsani e Sandro Gonzaga. Os autores discutem a importância das relações entre a República Democrática Alemã e a República Federal Alemã, relacionando-as a seus impactos sobre os interesses estadunidenses e soviéticos durante a Guerra Fria. Além disso, apresentam uma breve mas interessante comparação sobre a o cinema europeu e hollywoodiano, afirmando que não há grandes diferenças estéticas e de produção entre estes. Discutem também as transformações do cinema alemão, desde o Expressionismo de Murnau e Lang, passando pelo Novo Cinema Alemão, até chegar à retomada recente da produção cinematográfica do país, com destaque para o filme *A vida dos outros*, analisado criticamente sob o prisma das relações entre poder, indivíduo e estruturas.

Chegamos ao final do século XX e o filme escolhido para discutir este período é *Elefante*, de Gus Van Sant, que retrata os acontecimentos do massacre de Columbine, em 1999. A psicóloga Nilza Silva faz uma análise pormenorizada de aspectos técnicos e estéticos da produção desta película, destacando as relações entre o que ela denomina, a partir de Foucault, de “biorregulação pelo Estado” (p. 191) de todos os aspectos da vida humana e, apesar disso, a coexistência de fissuras e desníveis na própria realidade que impedem o Estado de lograr completo domínio sobre os homens. A autora demonstra como estes dois elementos são trabalhados por Gus Van Sant em seu filme e destaca alguns outros aspectos sobre os quais o filme silencia.

O futuro, mais especificamente o ano de 2019, é tema dos dois últimos textos do livro, de autoria de José Orestes Beck e Fatimarlei Lunardelli. O ano de 2019 é uma alusão à projeção futurística da cidade de Los Angeles presente no filme *Blade runner: o caçador de andróides*. Beck descreve a atribulada produção do filme e narra os principais momentos de seu enredo. Apresenta, ainda, as possíveis razões que tornaram *Blade Runner* um filme *cult* e venerado, mesmo que durante sua exibição nos cinemas, ocorrida no ano de 1982, não tenha tido uma recepção positiva da crítica especializada nem contado com uma grande audiência de público. Para Beck, isto se deveu ao fato de que o filme de Ridley Scott foi exibido ao mesmo tempo que outras produções de sucesso, como *E.T., O Extraterreste*, *Star Wars*, *Poltergeist*, etc. Ademais, segundo o autor, o surgimento do videocassete, de versões do diretor, em que aparecem finais alternativos, da internet, da TV por assinatura e do DVD contribuíram para a posterior transformação do filme em um *cult movie*. Já a professora de cinema Fatimarlei Lunardelli, a partir de uma “abordagem do cinema enquanto documento histórico” (p. 216), destaca a importância de se pensar na “dinâmica do filme e seus contexto de produção e recepção” (p. 216) para entender as razões que levaram os produtores de *Blade Runner* a mudar o final do filme e, posteriormente, a apresentar outras versões alternativas deste, com formatos distintos, reiterando que os diferentes “contextos de leitura” tornam a película de Scott passível de múltiplas interpretações e de significados até hoje.

Definitivamente, *A prova dos 9* reforça ainda mais a certeza de que o cinema constitui um dos tantos caminhos para ter acesso às visões do passado e do presente. E é isto que faz dele, portanto, um documento histórico. Evidentemente, um documento com suas particularidades, mas que ainda assim transmite informações tão válidas quanto a de qualquer outra fonte escrita, por exemplo. Como afirma o professor César Guazzelli na Introdução da obra, “Historiadores

contam a História; cineastas contam histórias! Decerto as histórias (ou estórias, como queriam alguns) diferem do que pensamos ser a História, o que não nos impede de buscá-las nestas..." (p. 14). É com base nestas premissas que os autores lançam esta obra. Ao que tudo indica, outras surgirão por sua iniciativa num futuro próximo, e serão muito bem-vindas.